



IX ANPED SUL
SEMINÁRIO DE PESQUISA EM
EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL **2012**

CONCEPÇÃO DE UNIVERSIDADE: DAS QUESTÕES TEÓRICAS À REPRESENTAÇÃO NO SENSO COMUM

Eddy Ervin Eltermann – UNISUL

Financiamento: Rede Iberoamericana de Investigación em Políticas Educacionais (RIAIPE 3)

Resumo: O presente estudo analisa as concepções de universidade, suas representações e as interpretações destas pela sociedade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, inspirada na dialética, referida em Lukács (1960) como não desconectada da realidade. A dialética é por si só contraditória e, portanto, não é estática. Movimenta-se na história e nos embates sociais e contempla a realidade, ainda que, como salientado por Kosik (1976) o conhecimento da realidade deve ser precedido do questionamento: o que é a realidade? Assim, buscamos alguns dados empíricos através de depoimentos de estudantes de graduação brasileiros e de outras nacionalidades. Para a análise dos dados partimos da comparação entre os depoimentos que mostraram a visão de universidade dos estudantes e a concepção desta instituição social que parece ser induzida na direção de um modelo de mercado. Assim, a educação, e nela a universidade são ressignificadas e interpretadas pelos estudantes em uma direção tomada pelo mundo e na exacerbação do sistema neoliberal tornam a universidade o resultado da sociedade em que está inserida: volátil, individualista e pragmática.

Palavras-chave: Universidade; Sociedade; Estado; Mídia; Ressignificação.

Introdução

Num momento onde a crise mundial reposiciona economicamente os países do globo; num momento onde o capital torna-se invisível e supranacional (mundializado); num momento em que a universidade coloca em risco sua autonomia com a entrada da Polícia Militar (PM) na Universidade de São Paulo (USP); num momento em que o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é utilizado como critério de seleção para as poucas vagas na universidade; num momento em que o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) amplia as vagas para o acesso, ainda que em condições muitas vezes aquém das necessárias; num momento em que o Brasil tem cerca de 2.300 Instituições de Ensino Superior (IES) e onde somente cerca de 15% destas são do poder público; num momento de mudanças, revoluções e acontecimentos que alteram a sociedade a cada instante, entendemos a complexidade da decisão na abordagem do tema de estudo.

Percebemos na educação brasileira, atualmente, uma educação que subordina a modernização dos meios à qualificação do professor. Retorna o pensamento educacional brasileiro a ser influenciado pelo capital humano, ainda que contraditoriamente isso não

ocorra em todos os níveis e modalidades da educação. Neste sentido, valores como o conformismo, a disciplina exacerbada, a adoção de modelos importados de ensino, a reprodução do conhecimento, entre outros, conduzem a uma mentalidade necessária ao processo neoconservador próprio do mundo de globalização econômica. Nesta perspectiva fica secundarizada uma educação em valores para a crítica, para a libertação para o conhecimento científico e tecnológico, enfim do conhecimento socialmente elaborado em favor da melhor qualidade de vida do homem. Estamos assistindo a uma expansão quantitativa da educação que vem na contramão da capacidade do Estado brasileiro em garantir a qualidade do ensino.

Parece assim, que não só no âmbito da sociedade e na educação em especial, as ações, costumes, a cultura, partem de conceitos formulados e influenciados que buscam direcionar o modo de pensar e agir na direção do interesse econômico, ou seja, pelo valor do mercado.

Formar indivíduos autônomos que agem movidos pelo senso crítico não é tarefa fácil. Se possível o é! Mover-se pela apropriação do conhecimento, socialmente elaborado, significa compreender as regras sobre as quais a sociedade se pauta. Esse processo é parte integrante da formação da consciência crítica. Assim, compreender o mundo em sua complexidade contribui para retirar o ser humano de sua inércia e torná-lo atuante em sua responsabilidade social. Recorremos a Gramsci (1957), que destaca o papel do pensamento crítico ao afirmar que o *homo faber* não pode ser separado do *homo sapiens*, e sendo assim, não devem ser atribuídas ao mesmo, somente atividades técnicas e operacionais, mas funções que possam harmonizar seu trabalho com uma autonomia e uma conscientização para com a sociedade.

O desafio de interpretarmos as diferentes formulações de universidade exige compreendê-la em suas múltiplas funções, em especial na produção da ciência e no atendimento as demandas da sociedade, haja vista, nessa perspectiva a compreensão do mundo em que vivemos.

Assim, dedicamos este estudo à busca da compreensão da universidade em sua concepção, o que subentende analisar, do ponto de vista dialético, como ela influencia e como é influenciada, muitas vezes, nos marcos de um mundo sustentado pelo pragmatismo e sua consequente desconexão na relação com o conhecimento crítico. Significa investigar como a sociedade percebe a universidade e para o entendimento desta problemática, definimos como referência, uma concepção de universidade historicamente construída, de indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, com gestão democrática e autonomia de gestão

administrativa, financeira e patrimonial, nos moldes do artigo 207 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 e as representações que ela (a universidade) assume. Essa indagação sugeriu, portanto, que nos debruçássemos sobre uma metodologia de pesquisa de abordagem dialética, tendo como fonte de investigação alguns documentos, que nos limites deste estudo, foram passíveis de análise, autores contemporâneos e diálogos com a sociedade, a partir de um recorte temporal (2011), quantitativo (21 estudantes), e, principalmente qualitativo. Isto porque nos interessava conhecer a partir de uma referência de universidade, não só o pensar de um setor representativo da sociedade que nela estuda, como também, suas representações e o que a mídia, entre outros fatores, aponta como referência para a concepção de universidade.

A concepção de universidade do mercado *versus* sua concepção crítica vem sendo discutida largamente por historiadores como Noan Chomsky e teve nos anos 1960 e 1970, análises culturais, históricas e sociológicas produzidas pela nova esquerda britânica representada entre outros por Stuart Hall, Raymond Willians e Perry Anderson, e ainda discutida nas obras de neomarxistas como do economista como Giovanni Arrighi ou do geógrafo David Harvey. (RIMBERT, 2011).

Entender a universidade é, sobretudo, uma busca para entender sua função no mundo e a forma com a qual ela deveria apresentar-se à sociedade, é participar na compreensão de sua concepção e difundi-la à sociedade, confrontando sua representação (viés de propósitos) com sua concepção historicamente construída, desinteressada do viés econômico.

Comunicação e Mídia como atores da Educação Superior

Encravados na “sociedade do conhecimento” integramos o complexo desenvolvimento de um sistema de informações em velocidade nunca antes visto, e, neste processo, a mídia se insere como participante, possibilitando, através dela “tocarmos” o outro lado do mundo em segundos.

O desenvolvimento das mídias possui dois lados controversos e de análise abstrusa. A mídia pode favorecer o esclarecimento da população em diversas questões, possibilitando compreender o mundo e as sociedades nele inseridas, mas também pode manipular a realidade.

É nesta perspectiva que se entende a mídia brasileira: cada vez mais centralizada, de propriedade particular, atuando de forma compatível a possíveis interesses de seus

proprietários ou de chancelas de parceiros detentores do poder e do capital. A ideia de mercado não só se estabelece na atualidade educacional, como também, passa a ser adotada pela população por meio da manipulação de informações a ela (população) imposta.

Ao longo dos últimos anos, a busca de fontes e as reações negativas também se fortalecem como mecanismos de influência da elite. A centralização da mídia e a redução de recursos dedicados ao jornalismo têm tornado a mídia mais dependente do que nunca dos definidores primários que ao mesmo tempo fazem notícia e subsidiam a mídia oferecendo matérias acessíveis e baratas. Eles, hoje têm maior influência sobre a mídia; e as empresas de relações públicas que trabalham para esses e outros interesses poderosos também a avolumam como fonte de mídia. (HERMAN; CHOMSKY, 2003, p. 18).

Ainda de acordo com Herman e Chomsky (2003), a ocupação do público com discussões apáticas e de pouca relevância, mascara ações tomadas nos bastidores e dispõe à população uma oferta de possibilidades, um menu de opções, uma “cesta de negócios”, que **induzem** às escolhas. Sublinhamos, ainda, que aos cidadãos carece a oportunidade de decisão sobre o que ler ou assistir. Das pessoas que leem, em grande parte, acabam lendo o que lhes é oferecido. Assim, sendo a mídia patrocinada pelo setor privado, e, o setor público, não raras vezes se submetendo aos padrões aos padrões culturais da oferta privada, do ramo dos negócios, dos produtos, entre outros, veicula a ideologia do consumo, necessária ao mercado, e, em geral, terminam lendo o que os detentores do capital desejam.

Com isso, a ressignificação¹ pode ordenar os fatos de tal maneira que estes possam ser associados a uma nova imagem da realidade, definindo a convicção de *um outro* contexto. O enquadramento de palavras enganosas² suscitando este processo possibilita novas definições a determinados termos e busca associações do imaginário diferente das que deveriam ser concebidas. Tal ressignificação pode afrontar aos interesses públicos, destruir a livre consciência e influenciar de forma danosa a constatação dos fatos, reenquadrando a opinião popular, distanciando-a da realidade, criando um conjunto de necessidades não definidas pelas pessoas, mas “impostas” por um sistema de indução, na maioria das vezes não perceptível.

¹ A ressignificação reporta-se predominantemente à representação, à subjetividade da realidade, e é revestida de uma tonalidade afetiva particular do indivíduo, portanto, a nível afetivo-psicológico. Ressignificamos a realidade, muitas vezes, a partir de nosso próprio subconsciente, mas em geral, a ressignificação é causada pela influência, especialmente num mundo onde podem buscar tais ressignificações da realidade em consequência de interesses.

² Segundo a definição de Andreas Freund, citado no livro “A manipulação das palavras”, de Philippe Breton (1999), “as palavras enganosas não passam de informação deturpada veiculada por vocabulários de conteúdo tendencioso. Uma vez inseridas na linguagem corrente com sua carga de sentido demagógico, servirão como munição de pequeno calibre na batalha permanente que se trava para conquistar os espíritos”, ou seja, a opinião popular.

Para Bourdier:

O próprio processo de constituição de padrões comuns é inseparável da conversão desses padrões comuns em capital monopolizado por aqueles que possuem o monopólio da luta pelo monopólio do universal. Todo esse processo – constituição de um campo, autonomização do campo em relação a outras necessidades; constituição de uma necessidade específica em relação à necessidade econômica e doméstica.

[...] a gênese do Estado é, em suma, inseparável da constituição do monopólio do universal, e o exemplo por excelência desse processo é a cultura (BOURDIER, 2011, p.16).

Assim, entendendo que a universalização da cultura do senso comum passa pela mídia e questionamos se a mídia está interferindo na formação da opinião sobre a concepção de universidade?

Dessa forma, podemos aqui chamar a atenção para os movimentos ou práticas linguísticas que induzem a população a reproduzir conceitos através da utilização de ideias pré-formuladas que tem o intuito de aproximar as concepções populares a um “perigoso jogo” de novas interpretações. Destacamos, através do texto de Moraes (2003, p. 158)³ que alguns termos foram “construídos, ressignificados, modificados ou substituídos por outros mais convenientes”. A autora destaca ainda alguns exemplos como “[...] *igualdade* cedeu lugar a *equidade*”, “[...] o conceito de classe social foi substituído pelo de status socioeconômico” dentre outros. Assim, até mesmo a concepção de *sociedade civil*, usada inicialmente para designar a nova economia do século XVIII, passou por Hegel na concepção de dissolução, miséria, de anarquia, chega a Marx como sendo a própria sociedade burguesa, dilacerada pelo capital, assume hoje uma conotação positiva. (BOBBIO, 1982).

Sabemos também, que através de estudos cognitivos as pessoas entendem o mundo constituído através de exemplos, sejam eles dos objetos próprios como “pedra”, “bola”, “livro” ou “martelo”, como também o tem quando se trata do abstrato como “romantismo”, “amor” ou “viagem”. (FELDMAN, 2006; LAKOFF, 2002). Assim, não entendem as verdadeiras concepções, mas sim as representações criadas a partir delas, os exemplos concebidos, ou os que são concebidos e “entregues” para que possam ser reproduzidos. Portanto, a partir do subconsciente, formam-se novos contextos, constantemente induzidos à criação de conceitos manipulados pela “mão invisível” do capital. (FISCHMAN; SALES, 2010).

Nessa perspectiva, o próprio capitalismo passa por uma ressignificação. O que

³ Parágrafo com grifos dos autores em itálico com o intuito de facilitar a compreensão dos termos utilizados. A obra original de Maria Célia Marcondes de Moraes possui os mesmos entre aspas.

compreendia a Maquiavel é maquiavélico. Contudo, o neoliberalismo que o pode exacerbar não o é. A globalização é “benéfica”, havendo até quem proponha uma “globalização solidária”. Para alguns, “aproxima os povos”, “leva empregos a diversos países”, “aumenta a produção”. Estamos nos referindo à mesma globalização que contribui para a precarização do trabalho, exclui sociedades e culturas inteiras e entregam ao Capital, nações esfaceladas por crises que o próprio Capital criou? (CECEÑA; SADER, 2002; MÉSZÁROS, 2003; SANTOS, 2010).

Nesse âmbito, a universidade passou também a ser ressignificada, e induzida a protótipos estabelecidos pela mídia. Destacamos em Evans e Green (2006 apud FISCHMANN; SALES, 2010, p. 04) que:

Por exemplo, a Universidade de Oxford é um exemplo relevante de universidade, em parte devido a sua história (ela recebeu autorização real no século XIII), em parte devido ao respeito pelo qual seu ensino e bolsas de estudo têm tradicionalmente sido concedidos e, em parte, devido à natureza das faculdades que compõem a universidade, em termos de estrutura da instituição e de sua arquitetura. Embora de várias maneiras atípicas em termos de instituições britânicas de ensino superior e de outras instituições internacionais, as pessoas, especialmente no Reino Unido, sempre consideram Oxford um ponto de comparação para outras universidades. Efeitos de tipicidade ocorrem quando Oxford serve para estabelecer um meio de avaliar e julgar outra universidade. Em outras palavras, exemplos salientes, como protótipos em geral, fornecem pontos de referência cognitivos que podem influenciar as decisões que tomamos, por exemplo, se decidimos entrar para uma certa universidade com base na sua semelhança com um exemplo saliente como Oxford.

Assim, indagamos nesse caso: seria Oxford a universidade da representação ideal do conhecimento? Por que Oxford é considerada um modelo? Existe um modelo de universidade? Como a sociedade cria seus modelos? O que interfere na criação de modelos?

Procedimentos Metodológicos, Coleta e Análise de Dados

Optamos por uma metodologia sustentada no pensamento dialético, pois, ela se configura, segundo Kosik (1976, p. 41), como “[...] o processo de concretização que procede do todo para as partes e das partes para o todo, dos fenômenos para a essência e da essência para os fenômenos, da totalidade para as contradições e das contradições para a totalidade”. Nesse sentido, partiremos do pressuposto que a verdadeira teoria acompanha a práxis e, sendo assim, constrói-se de um movimento de observação, interpretação e transformação da totalidade social (KOSIK, 1976).

A dialética se caracteriza por não apresentar um pensamento puro, mas “conectado” com a realidade em que está inserido, neste movimento recíproco de realidade e

pensamento, para uma elucidação mútua. Neste sentido, essência e aparência são inseridos num mesmo contexto ontológico, mas percebidos em sua separação real.

Se, portanto, os fatos devem ser aprendidos com precisão, convém, em primeiro lugar compreender clara e exatamente a diferença entre a sua existência real e seu núcleo interior, entre as representações que deles formamos e seus conceitos. Essa distinção é a primeira condição de um estudo verdadeiramente científico. (LUKÁCS, 1960, p. 25).

Assim, a dialética apresenta o caráter concreto do objeto, apresenta o real como totalidade e os movimentos contraditórios deste real. Com isso, como sugerido por Marx e Engels (1977), o processo de produção do conhecimento seria a conjunção de uma teoria da reprodução intelectual do real mediante um sujeito ativo, cuja atividade encontra-se regida pelo objeto. Podemos, portanto, dizer que conhecer é também reproduzir uma realidade posta, independentemente do sujeito.

A dialética, portanto, não é só pensamento: é pensamento e realidade a um só tempo. Assim, a lógica dialética é uma possibilidade de compreensão da realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação (KONDER, 1981)

Nesse sentido, a aproximação da realidade e da busca de compreender sua representação foi condicionada pela coleta de depoimentos de estudantes de graduação, o qual seguiu alguns critérios, sendo o critério mais utilizado para a seleção dos entrevistados, a participação do autor desta dissertação em eventos nacionais e internacionais. A seleção dos entrevistados se deu aleatoriamente, abordando os sujeitos em seus campi e aplicando os procedimentos neste mesmo local.

Neste processo, o número de depoimentos tomados foi de 21, distribuídos da seguinte forma:

Sujeitos Entrevistados	Idade	Naturalidade	Graduação	Universidade
E1	22	Boliviana	Veterinária	Universidad Loyola
E2	21	Boliviana	Serviço Social	Universidad Loyola
E3	22	Boliviana	Agronomia	Universidad Loyola
E4	26	Paraguaia	Sociologia	Universidad Católica
E5	29	Paraguaia	Cinema	Universidad Autónoma
E7	21	Americana	Linguística	Massachusetts Amherst University

E8	19	Americana	Gerenciamento de Construções	University of Minnesota
E9	26	Americana	Sociologia	Kennesaw University
E10	21	Americana	Ciências da Computação	Grand Valley State University
E11	22	Sul-coreana	Economia	Myongji University
E12	29	Brasileira	Turismo e Hotelaria	Univali
E13	24	Brasileira	Gastronomia	Univali
E14	21	Brasileira	Direito	Univali
E15	22	Brasileira	Administração	Unisul
E16	22	Brasileira	Letras	Unisul
E17	23	Brasileira	Nutrição	UFSC
E18	22	Brasileira	Jornalismo	UFSC
E19	27	Mexicana	Relações Internacionais	UNAM
E20	20	Mexicana	Economia	UNAM
E21	29	Chilena	Jornalismo	Universidad Viña del Mar

Quadro 1 – Perfil dos entrevistados.
Fonte: Dados da Pesquisa, 2011.

A análise dos “modelos” de universidade entendidos pelos estudantes foi feito com base nos depoimentos tomados, sendo que, para elucidar o método de compreensão e análise, destacamos alguns trechos de relevância para o objeto de estudo. Assim, verificamos baseado no roteiro apresentado, algumas das contribuições e através das percepções apresentadas, conforme segue:

Universidad para mi es superarnos cada día más para ser alguien, una persona con valores. Para superarnos cada día más, más y más porque el motivo es y salir de acá como un profesional. El motivo es salir profesional. Es para esto que estoy acá en la universidad. (E1).

Percebemos aqui a vinculação entre a universidade e o lugar que ocupa o indivíduo na sociedade. Percebemos isto quando (E1) destaca a “ideia” de que se transformar em “alguém”, passa pela necessidade de estar na universidade. Interpretamos, assim, pelo seu contrário, ou seja, “quem não está na universidade seria *ninguém*?”.

As compreensões a respeito da universidade, tanto na concepção quanto em sua

função se interpelam e concentram-se também no sentido único de formação profissional, o que chamava Gramsci (1957), a construção do *homo faber*, como mostra o depoimento:

Es un lugar de formación donde te forman para salir en una carrera cualquier parte que quieras (E2).

É uma fase muito importante para estabelecer quais os objetivos em relação ao mercado de trabalho (E12).

A universidade é o primeiro passo da minha profissionalização. Serve como caminho para que eu consiga aprender as técnicas necessárias e começar a trabalhar. (E13)

*University is a place where I can gain new knowledge that pertains to my major so I am able to get a leadership position in a company*⁴.

Universidade é um lugar onde eu posso adquirir conhecimentos que dizem respeito a minha área de atuação, então eu seria capaz de ter uma posição de liderança em uma empresa (E8).

An exposure to a wide range within my subject area of study to aid me in choosing a career path.

Uma exposição a uma grande variedade dentro da minha área objeto de estudo para me ajudar na escolha de um plano de carreira. (E7)

Universidade é uma instituição com vários institutos e faculdades para as pessoas conseguirem um diploma de ensino superior e ter um bom trabalho. (E11)

Universidad es donde te puedes preparar para una carrera profesional (E19).

Universidad es un centro de estudios, a los que acuden personas que quieren obtener una profesión, donde se comparte con personas de distintas clases socioeconómicas y generalmente de distintas realidades. Un lugar donde a diferencia de la escuela donde es obligatorio asistir, en las universidades uno asiste porque elige voluntariamente cual es la profesión que quiere desarrollar por su vida (E21)

Universidad es un centro donde te especializan para una carrera, para salir profesional. (E3).

Neste último, a desconexão entre a participação do “eu” no processo formativo aponta para uma percepção na qual há apontamentos da colonialização, da serventia, ao dizer “*donde te especializan*”, padece da incapacidade e da impercepção de que o próprio estudante está inserido no processo de formação pelo “conhecimento vivo” citado por Anísio Teixeira. Para Kassick (2009, p. 38) “observa-se, também, que a docência universitária ainda é realizada sob o signo da *transmissão do conhecimento*”. (grifos do autor). É, conforme Chauí (2001), a chamada “Universidade Operacional”.

Já para outros entrevistados, há a percepção da função social da universidade, como:

⁴ Os depoimentos em inglês foram transcritos na língua original e traduzidos pelo autor em seguida. Tal processo foi definido com o intuito de buscar a legitimidade das respostas e evitar quaisquer tipos de conduções ou tendenciamentos nos trechos traduzidos.

Una institución que tiene como objetivo brindar formación académica, profesional, científica, humana a todas las personas, en diferentes ramas. La misma, debe estar orientada al mejoramiento de la propia sociedad (E4)

Preparar os jovens para o mercado de trabalho, e principalmente para formar cidadãos conscientes (E18).

A Universidade é um lugar de referência em formação profissional e social. Sua função seria lançar na sociedade, jovens com conhecimento e opinião suficiente para ajudar no desenvolvimento dessa sociedade (E14).

Para mim, universidade seria a reunião de vários elementos que promovem a formação profissional e pessoal dos indivíduos. A principal função seria construir a formação profissional e pessoal do indivíduo (E16)

La universidad es un recinto de ideas y teorías. La función de la universidad es forjar líderes íntegros y comprometidos con sus comunidades y entorno social. (E20)

Este movimento contraditório entre a informação e a representação se dá também nas análises dos questionamentos como “antes de estares aqui, como vias a universidade? Sua opinião mudou aqui?”.

Cuando estaba en el colegio, decían: La universidad es difícil, pero querer es poder. Es muy difícil, me decían. Me decían que los docentes te daban un tema y lo tenía que mirar solo por como estudiar. (E1).

Lo que más o menos me imaginaba era que los estudios tenían que ser más fuertes. Pero ahora se parece lo mismo que la escuela. Pensaba que era un lugar muy distinto de mi colegio donde necesitaría estudiar un poco más y tener una carrera y yo tenía que me aplicar más para ser una buena profesional. (E2).

Bueno la vía como algo muy grande, un poco más difícil... bueno, mucho más difícil, mucho más fuerte que el colegio. (E3).

Antes de entrar en la universidad, pensaba que era la mejor garantía que podría tener para mi formación profesional. Pero durante el período en que estaba adentro me di cuenta que el criterio de formación profesional es muy diferente a lo que uno espera tener. Ahora pienso que no es así y por esta razón creo que voy salir. (E5)

Em minha opinião não mudou muito. Alguns amigos já cursavam e me passaram como seria. Na verdade, no início eu vim muito motivado, mas, minhas expectativas foram se perdendo quando comecei a trabalhar e vi que o salário não tinha mudado muito. (E13)

Estoy cursando la universidad, y creo que mis expectativas con relación a ella se van debilitando con el correr de los años. Si bien fue un espacio de formación importante, a raíz de algunos profesores más comprometidos con sus alumnos, además de la interacción con otros compañeros interesantes. No deja de ser un espacio extremadamente burocrático, con una visión mercantilista de la educación, y en el cual solo importa asistir a clases para cumplir los programas establecidos, rendir exámenes, etc. por pura formalidad, con bibliografías desactualizadas, y

cada vez más contenidos disociados de la propia realidad del país, del mundo, además de profesores/as que siguen siendo autoritarios ante la mínima organización de los estudiantes. (E4)

A estudante ainda completa que:

En Paraguay, el sistema educativo es uno de los más excluyentes, ya que es ínfimo el porcentaje de personas que pueden acceder hoy en día a la universidad. (E4)

Percebemos a aproximação da compreensão da universidade como um complemento à função da escola, mas em alguns casos, fortemente ligado à percepção da necessidade imediata do desenvolvimento econômico, estando este sentido a frente da formação crítica ou intelectual.

Quanto a compreensão da concepção de universidade e de sua imagem veiculada nos meios de comunicação, questionamos aos entrevistados, como, a partir da imagem exposta por estes meios, poderíamos utilizar como “modelo” de universidade que o estudante conhece em seu dia-a-dia, bem como, perguntarmos “*quando foi a última vez que você ouviu falar sobre universidade na mídia?*” e, sobre como a universidade era apresentada, e ainda, se “esta” universidade que aparece na mídia se identifica com a que encontraram, tivemos as seguintes constatações:

*Esta mañana, en la radio.
No, la universidad de la propaganda es peor de la que encontré.
Las universidades se volvieron una entidad comercial donde se profesa una cosa, pero en la práctica es otra. (E5).*

*Hoy, cuando fue al cine, pasaron un comercial sobre una de las tantas universidades privadas de nuestro país, teniendo como mensajes fuertes a la competitividad y el desarrollo.
Y la realidad definitivamente no es la misma! La propaganda muestra lo contrario a la realidad, es decir, a lo que uno encuentra finalmente cuando ingresa a una de ellas.
Las semejanzas que tienen: Realmente te enseñan acerca de la competitividad en el mercado, ya que toda la enseñanza está en función a ganar dinero, a cualquier precio.
Degradación progresiva de la carreras sociales, por sobre las empresariales.
[...] Y las diferencias son que tener un título universitario no es directamente proporcional a conseguir trabajo. La certificación del plantel docente no existe, por lo cual los profesores son producto del azar, así como pueden asignarte profesores calificados, también pueden sorprenderte con pseudo profesores.(E4)*

Hoje em dia as universidades aparecem muito na mídia. Vejo o tempo todo algo a respeito, mas somente as particulares. Normalmente é com foto de hotel⁵ na internet, dificilmente você encontra aquilo que mostra. Na época em que ingressei, a cobertura da mídia era muito menor. Eu sequer conhecia o campus ou o sistema da

⁵ Referência ao hotel pelo fato de ser estudante de turismo.

universidade pra onde estava indo, assim, não houve decepção em relação a nada. Creio que se fosse hoje me decepcionaria com o que vejo na mídia e o que encontro aqui. (E14)

A mídia me parece um pouco mentirosa... [...] bem na verdade, na verdade, não acho que é mentiroso, mas manipulado, meio fantasioso. Nem tudo é simples e fácil como na propaganda. O acesso aos serviços e instalações não estão disponíveis como parece. (E16)

Por ejemplo esta universidad se dedica mucho a la publicidad, pero algunas cosas no están ciertas. Nos prometen muchas cosas pero después no lo cumplen. Hay muchas deficiencias. No cumplimos las prácticas como veterinarios. No hay material para las clínicas, las practicas. La manera que te venden la universidad no es la misma que encuentras acá. No hay mucha gente que se lanza a la investigación porque nadie los apoya. Esto es lo malo. (E3, grifos do autor).

Es que en Chile las universidades siempre están en las noticias. Aparecen promocionando sus cursos y escuelas en los diarios y canales de televisión, entre diciembre y marzo para que postulen estudiantes. Luego, en las noticias por ejemplo siempre hay profesores de universidad entre los entrevistados de temas como terremotos, económicos, o que requieran algún teórico al respecto. Mi universidad, la Universidad de Viña del Mar, era una universidad pequeña, que exigía puntaje para tener buenos alumnos, y trataba de tener buenos estudiantes siempre. Ahora, es una universidad grande, de las más tecnológicas del país, con muchos más alumnos, pero no elige tan bien a sus estudiantes, para tener más recursos. (E21)

Tal depoimento nos faz refletir sobre a atual identidade da universidade, que parece estar perdendo sua autonomia e “clientelizando” os estudantes para então transformá-los em mercadoria a serviço do Capital. A concepção e o posicionamento das universidades vem se aproximando do projeto econômico neoconservador, da condição de, como salientado por Mancebo (2010, p. 46), uma “pseudo-educação de nível superior”.

Assim, quanto a função alguns dos depoentes apresentaram a universidade como:

[...] una institución orientada al desarrollo social, promoviendo el saber científico y la investigación, formando personas comprometidas con su sociedad, con verdadero pensamiento crítico. (E4)

The true function of a university is to make connections with employers and gain knowledge on specific subjects.

A verdadeira função da universidade é fazer conexões com empregadores e adquirir conhecimento nos estudos específicos. (E10)

Assim, percebemos que em muitos casos, a universidade de ensino, pesquisa e extensão (instituição social), está sendo ressignificada por uma modalidade onde sua composição se caracteriza pela exclusividade do ensino (organização social) em uma direção cada vez mais pragmática e voltada, na ideologia dos estudantes, ao acúmulo do Capital e ao desenvolvimento econômico.

Considerações Finais

A sociedade contemporânea é atravessada por um processo de globalização. Tal processo “encanta” a grande parte dos envolvidos e parece ter uma contemplação da felicidade ao saber que o mundo está ao alcance. O contexto da globalização se mostra, para muitos, como um processo irreversível, irremediável. Assim, estamos todos sendo “globalizados”.

Esse sentido de pertencimento começa a se esfacelar em boa parte do planeta. Os governos sul-americanos cada vez mais apostam em figuras com passados de esquerda; o Oriente Médio se vê envolvido com uma série de eventos e revoluções, com cenas da mais pura barbárie; a Europa (quem diria) atravessa uma crise sem precedentes e reluta para manter-se como União Europeia e mercado comum, à custa da demolição do Estado de Bem-Estar Social; a Ásia se vangloria de seus países emergentes, resultado da exploração de empresas que fogem dos altos salários conquistados por lutas históricas pelos direitos humanos na França ou na Inglaterra; Espanha, Grécia, Portugal ou Itália? Onde veremos o próximo colapso?; a China que reconfigura a composição mundial e sobre a qual indagamos: será a próxima hegemonia?; os Estados Unidos ainda contam as perdas de *Wall Street* com a crise passada, sabendo que a próxima está por vir.

Nesse sentido, percebemos que a globalização vem conduzindo milhares de pessoas a condições impostas, no sentido da proletarização, da discriminação e do descarte daqueles que não são participantes da condição econômica necessária para manter a “roda do jogo girando”.

Percebemos que o largo período de ajustes estruturais, especialmente nos anos 1990 que continua vigente até a atualidade, alterou composição da sociedade, favorecendo os modelos mais internacionalizados e marginalizando ainda mais as periferias. A sociedade sofre também da dicotomia, da dualidade, e por que não dizer, dos problemas que ela mesma cria e impulsiona.

As representações da realidade induzem a sociedade à felicidade através dos bens de consumo, da particularidade se cria a universalidade, e, estando a particularidade em acordo com os moldes de governação neoliberal, a universalidade também estará. As representações incorporadas pela sociedade não são naturais, mas são o resultados de construções ideológicas conduzidas pela chamada “mão invisível do Capital. A história se ressignifica e dessa forma, ressignifica também as compreensões da sociedade para com diversas concepções.

Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido. Haveria nisto um paradoxo pedindo uma explicação. De um lado é abusivamente mencionado o extraordinário progresso das ciências e das técnicas, das quais um dos frutos são os novos materiais artificiais que autorizam a precisão e a intencionalidade. De outro lado, há, também, referência obrigatória à aceleração contemporânea e todas as vertigens que cria, a começar pela própria velocidade. Todos esses, porém, são dados de um mundo físico fabricado pelo homem, cuja utilização, aliás, permite que o mundo se torne esse mundo confuso e confusamente percebido. (SANTOS, 2010, p. 17).

A dificuldade para compreender a sociedade atual se expressa também na dificuldade de compreender a universidade. Como destacado por Saviani (2007, p. 157), “os contextos educacionais não podem ser compreendidos a não ser na medida em que são referidos ao contexto em que se situam”.

Nesse processo se instaura também a universidade, complexa, dinâmica, “globalizada(?)”. Compreender a concepção da universidade, sustentada em um modelo humboldtiano da indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão, define a centralidade deste estudo. Compreendê-la e assumi-la como produto de uma sociedade neoconservadora e capitalista de exacerbado consumo, é retirá-la de sua forma, é criar algo que talvez não possamos sequer chamar de “universidade”.

Nesta dicotomia em que a universidade se apresenta nos marcos de um modelo caracterizado pela dualidade de universidade de pesquisa e de universidade de ensino (mercado), esta passa a buscar aportes no “lucrativo mercado” educacional. Assim, a universidade pode também se mostrar um aporte de possibilidades de exploração, apresentada na centralidade do mundo econômico. Para Chauí (2003, p. 03), esta transformação da universidade de “[...] uma organização difere-se de uma instituição por definir-se por uma prática social determinada de acordo com sua instrumentalidade: está referida ao conjunto de meios (administrativos) particulares para obtenção de um objetivo particular.”.

Para Sguissardi (2009, p. 50) “ser utópico sem ser otimista ingênuo é saber que a democratização do acesso e garantia de não evasão e conclusão do curso superior depende de políticas de inclusão social, de distribuição, depende de políticas de inclusão social, de distribuição de renda, de erradicação da indigência e da pobreza que afetam mais da metade dos brasileiros [...]”, ou seja, talvez dependa de uma outra sociedade.

Assim, compactuamos com Anísio Teixeira ao afirmar que “a ausência da universidade com suas funções faz com que não se possa chegar a existir como povo. O povo, a nação que vive sem a concepção crítica do conhecimento, da universidade e da “existência autônoma”, *acaba* vivendo, tão somente, como um reflexo dos demais” (TEIXEIRA, 1998, p. 34).

Referências

- CECEÑA, Ana Esther; SADER, Emir (Orgs.). *A guerra infinita: hegemonia e terror mundial*. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: LPP; Buenos Aires: CLACSO, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. *Escritos sobre a Universidade*. São Paulo: UNESP, 2001.
- _____. *A universidade pública sob nova perspectiva*. Conferência de abertura da ANPED, Poços de Caldas, 2003.
- BOBBIO, Norberto. *O conceito de sociedade civil*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2011.
- BRETON, Philippe. *A manipulação da palavra*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.
- FELDMAN, Jerome. *From molecule to metaphor: a neural theory of language*. Cambridge, MA: MIT Press, 2006.
- FISCHMAN, Gustavo; SALES, Sandra R. Quem disse que a classe média se preocupa com a universidade? Uma análise dos protótipos sobre educação superior na revista *Veja*. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., *Anais eletrônicos*. Caxambú: ANPED, 2010.
- GRAMSCI, Antonio. *The formation of intellectuals*. In: THE MODERN prince and other writings. London: Lawrence and Wishart, 1957.
- HERMAN, Edward S.; COMSKY, Noam. *A manipulação do público: política e poder econômico no uso da mídia*. São Paulo: Futura, 2003.
- KASSICK, Clóvis Nicanor. Formação de professores para a Educação Superior: necessidades e perspectivas. In: BASSI, Marcos Edgar; AGUIAR, Letícia Carneiro (Org.). *Políticas públicas e formação de professores*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2009.
- KONDER, Leandro. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, Primeiros Passos, 1981.
- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LAKOFF, G. *Moral politics: How liberals and conservatives think*. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 2002.
- LUKÁCS, Georg. *Histoire et conscience de classe*. Paris: Minuit, 1960
- MANCEBO, Deise. Diversificação do ensino superior no Brasil e qualidade acadêmico-crítica. In: OLIVEIRA, João Ferreira; CATANI, Afrânio Mendes; SILVA JUNIOR, João dos Reis (Orgs). *Educação Superior no Brasil: tempos de internacionalização*. São Paulo: Xamã, 2010.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Contribuição para a crítica da economia política*. 5ed.

Lisboa: Estampa, 1977.

MCLUHAN, Marshall. *McLuhan por McLuhan: conferências e entrevistas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MORAES, Maria Célia Marcondes (Org.). *Iluminismo às avessas: produção do conhecimento e políticas de formação docente*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de Comunicação*. São Paulo: Ed. Ática, 1998.

RIMBERT, Pierre. La pensée critique dans l'enclos universitaire. *Le Monde Diplomatique*, Paris, p. 26, jan. 2011.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SAVIANI, Demerval. *Pedagogia histórico crítica: primeiras aproximações*. São Paulo: Autores Associados, 1994.

_____. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 17. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

SGUISSARDI, Valdemar. *Universidade brasileira no século XXI: desafios do presente*. São Paulo: Cortez, 2009.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação e universidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.